

DOCUMENTÁRIOS REFERENTES ÀS COLÔNIAS DE IMIGRANTES ITALIANOS SOB UM OLHAR SEMIÓTICO.

**DOCUMENTARIES REGARDING ITALIAN IMMIGRANT
COLONIES UNDER A SEMIOTIC VIEWPOINT.**



Lucy Carlinda da Rocha de Niemeyer

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta da Escola Superior de Desenho Industrial/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

lucy.niemeyer@gmail.com



Daniele Dickow Ellwanger

Mestra em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial/Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

daniele_ellwanger@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo trata da análise dos documentários *Caminhos de Pedra: Tempo e Memória na Linha Palmeiro* e *Colônias de Imigrantes: Colônia Italiana* sob o ponto de vista da semiótica de Charles Sanders Peirce. Tudo o que é representativo da relação entre pessoas e objetos, isto é, da cultura material de um grupo social, possui um significado num certo momento e pode se transformar com o passar do tempo, participando da (re)construção de uma identidade. Nos documentários, esses aspectos foram identificados na trajetória dos imigrantes italianos e seus descendentes, desde sua chegada no Brasil, em 1875, até o seu pleno estabelecimento no interior do Rio Grande do Sul, especialmente na região da serra gaúcha.

PALAVRAS-CHAVE

Documentários. Cultura italiana. Análise semiótica.

ABSTRACT

This study approaches an analysis of the documentaries “Caminhos de Pedra: Tempo e Memória na Linha Palmeiro” and “Colônias de Imigrantes: Colônia Italiana” from the semiotics perspective of Charles Sanders Peirce. All that represents the relationship between people and objects, that is to say, the material culture of a social group, has a meaning at a certain point in time and can be transformed throughout time, being part of the (re)construction of an identity. In these documentaries, these aspects were identified in the history of Italian immigrants and their descendants, from their arrival in Brazil, in 1875, until their full establishment in the country side of Rio Grande do Sul, especially in the “Serra Gaúcha” region.

KEYWORDS

Documentaries. Italian culture. Semiotic analysis.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho visou analisar os documentários *Caminhos de Pedra: Tempo e Memória na Linha Palmeiro* e *Colônias de Imigrantes: Colônia Italiana* sob um olhar semiótico, a fim de identificar os significados representativos da cultura italiana nas colônias em questão. Eles relatam a

vinda de imigrantes italianos para o Brasil e o seu estabelecimento na região da serra gaúcha. O primeiro filme citado foi realizado na cidade de Bento Gonçalves, em 2007, com direção de Pedro Zimmermann; e o segundo foi produzido no município de Antônio Prado, em 2011, com direção de Belisario Franca e realização de SESC TV. Tais documentários são importantes fontes de informação sobre a cultura italiana, tradições e costumes, ao passo que apresentam a adaptação que os italianos tiveram que enfrentar no novo país, a fim de alcançarem condições melhores de vida. A divulgação desses filmes por meio da mídia televisiva proporcionou a disseminação das informações contidas neles entre um grande número de pessoas, à medida que tratam sobre importantes momentos históricos do Brasil: os movimentos migratórios ocorridos no século XIX e início do XX.

Cabe destacar que os depoimentos e imagens apresentados nos filmes foram utilizados como fontes documentais para realização do presente trabalho. Os entrevistados foram identificados assim como nas legendas dos filmes.

Após a descrição dos documentários e a teorização da semiótica, selecionaram-se algumas imagens e momentos relevantes dos filmes para se identificar seus significados. Com isso, percebeu-se que alguns desses elementos tiveram interpretações diferentes em determinadas ocasiões, com o passar o tempo.

2. DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTÁRIOS

2.1. DOCUMENTÁRIO CAMINHOS DE PEDRA

O documentário *Caminhos de Pedra: Tempo e Memória na Linha Palmeiro* (2007), com direção de Pedro Zimmermann, relata a vinda de imigrantes italianos para o Brasil, a partir de 1875, e o seu estabelecimento na colônia Dona Isabel, atual município de Bento Gonçalves no estado do Rio Grande do Sul. “Um dos assentamentos, conhecido como Linha Palmeiro, depois de um período de prosperidade, ficou à margem da história” (CAMINHOS, 2007). Coube aos descendentes redescobrirem memórias para que as marcas dessa história não fossem apagadas.

Naquela época, a intenção do governo brasileiro ao promover a imigração de europeus visava a ocupação de vazios demográficos na região Sul; o branqueamento da raça, como consequência, dentre outras, do racismo da época; a defesa nacional, quando após a independência houve

a necessidade da organização de um exército; a criação de uma indústria nativa; e a abolição gradual da escravidão (FLORES, 2004). A partir do início do século XIX, o Brasil passou a receber alemães e, mais tarde, italianos e poloneses, além de outros grupos étnicos europeus. Por consequência da crise socioeconômica instaurada no momento da unificação e do desemprego decorrente da industrialização na Itália, tal país firmou um acordo com o Brasil, o que motivou a vinda de imigrantes italianos.

2.1.1. A CHEGADA

O filme inicia com o depoimento do padre Izidoro Bigolin, da Paróquia Santo Antônio, de Bento Gonçalves, o qual apresenta um livro de registros de casamentos com os sobrenomes de famílias muito tradicionais da imigração italiana, onde também consta a cidade de origem, se avós e pais eram vivos ou falecidos na ocasião e a ocupação dessas pessoas. Os ascendentes (bisavós e avós) de José Mario Bertarello, por exemplo, vieram ao Brasil já casados na Itália e o seu pai foi o primeiro Bertarello nascido em solo brasileiro, no ano de 1893. Os colonizadores da Linha Palmeiro, segundo o empresário Tarcisio Vasco Michelin, eram oriundos, cerca de 90% deles, de Belluno, uma província dos Alpes italianos, ao norte do país, região de Vêneto (CAMINHOS, 2007).

No filme, a historiadora Terciane Ângela Luchese relata que no início da imigração foram criadas as duas primeiras colônias, chamadas Conde d'Eu (atual município de Garibaldi) e Dona Isabel. Naquele momento, o Major Palmeiro e sua comitiva, entre engenheiros e outros profissionais, iniciaram os estudos e a demarcação de lotes dos imigrantes italianos da região (Ibidem).

2.1.2. A HABITAÇÃO

De acordo com José Mario Bertarello, o primeiro acampamento dos seus ascendentes foi num barracão, chamado assim porque os imigrantes faziam barracas para se abrigar. Segundo o padre Bigolin, as famílias de imigrantes italianos eram encaminhadas para pequenas propriedades no interior da colônia, lugares em que só havia mata virgem, sem estradas e sem abrigo. O refúgio era embaixo das árvores ou, até mesmo, entre as suas raízes (Figura 1) (CAMINHOS, 2007).

Figura 1: abrigo entre raízes de árvore.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

Conforme Bertarello, as primeiras casas, também chamadas de ranchos, eram construídas de pedras (Figura 2). Segundo Inês Strapazzon, funcionária pública, a maioria das famílias possuía casas como essas. Com o tempo, tais habitações foram sendo abandonadas ou desmanchadas pela vergonha que os descendentes tinham delas ao denotarem a pobreza vivida no início da imigração (Ibidem).

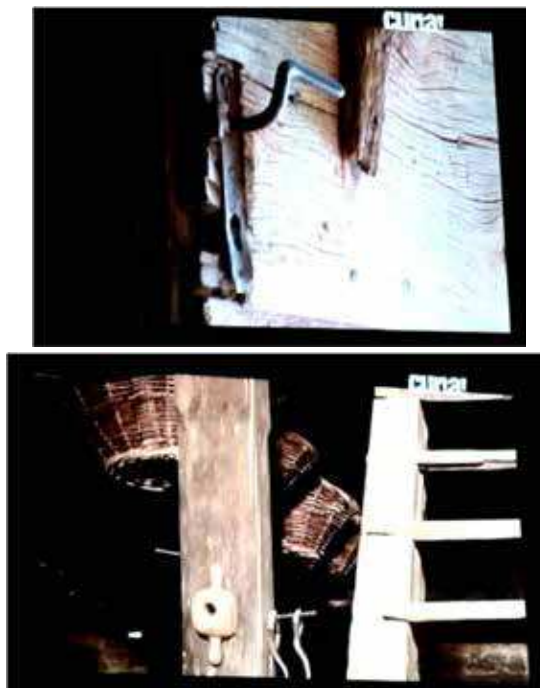
Figura 2: detalhe de casa de pedra.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

O pai de Strapazzon (Ibidem) continuou mantendo a casa de pedra para armazenamento da uva e produção do vinho. A rusticidade e obscuridade desse tipo de casas, que pode ser observada nos detalhes presentes nas figuras 3 e 4, chegavam, inclusive, a assustar as crianças, que tinham medo de nelas entrar.

Figuras 3 e 4: detalhes da casa de pedra usada para armazenamento da uva e produção do vinho, pertencente à família de Inês Strapazon.



Fonte: CAMINHOS, 2007.

Conforme Michelin, nas décadas de 1940 e 1950, as casas de pedras passaram a representar demérito para os imigrantes italianos e seus descendentes e, por isto, muitos agricultores rebocavam-nas para que adquirissem o aspecto de uma casa de “gente rica” moradora de cidade (Ibidem).

2.1.3. O TRABALHO

A riqueza da região colonizada, segundo o último referido entrevistado, estava ligada à tradição e à habilidade desses imigrantes, os quais se dedicavam ao trabalho com ferro, madeira, em moinhos, na construção. Com o desenvolvimento da ferrovia, que interligava Porto Alegre, Carlos Barbosa e Farroupilha, e de outras estradas, houve o desvio do fluxo comercial, aspectos estes cruciais para que ocorresse a decadência da região (CAMINHOS, 2007).

Como exemplo, Bertarello relata que desde os seus dezoito anos já trabalhava com o seu pai. A família possui um moinho, onde sempre se moeu o milho para se ter a farinha e fazer polenta. Já Leocir Lerin, agricultor, descreve

como se dá o cuidado com os parreirais até a colheita, lidas que passaram de geração em geração. No seu outro trabalho que exerce, como subprefeito do distrito de São Pedro, Lerin segue os mesmos princípios legados por seus ascendentes, referentes à organização e pontualidade. Isso mostra a ligação dos descendentes de italianos às tradições, as quais mantiveram no decorrer dos anos que se sucederam, por meio da dedicação, principalmente, ao trabalho no campo, a fim de sustentar suas famílias (Ibidem).

O caminhoneiro aposentado Angelo Cavalet diz que seu pai e outros trabalhadores partiam da região, conhecida atualmente por Bento Gonçalves, e iam muito longe para construírem casas, e o meio de transporte dava-se por montaria ou tração de cavalos. Ainda, ele relata que o seu pai trabalhava com a madeira para a fabricação de ferramentas, numa sociedade cooperativa, e construiu barracões para receber as máquinas de produção têxtil vindas da Itália. Com o tempo, a empresa foi à falência (Ibidem).

Já o pai de Wirte Maria Ferri construiu, nas terras do seu sogro, Pietro Merlin, uma ferraria, em 1923. Primeiro, foram produzidas ferramentas (Figura 5) de forma artesanal, como enxada, foice, formão, marreta, e, em seguida, foram adquiridas máquinas (Figura 6) para a sua fabricação. Além disso, o seu pai tratava dos cavalos da região e restaurava carroças. Depois que a estrada, que passava nas proximidades da empresa, foi desviada para outro local, além de outros motivos, foi decretada a falência da ferraria. Ela lembra-se da emoção satisfatória que sentiu quando a empresa foi inaugurada, ao contrário do sentimento de tristeza advindo do fechamento do negócio (Ibidem).

Figuras 5 e 6: ferramentas e maquinário da antiga ferraria da família Ferri





Fonte: CAMINHOS, 2007.

2.1.4. REAÇÃO À CRISE

A descoberta da região da serra gaúcha pelos turistas deu-se, num primeiro momento, no início do século XX, quando as famílias dirigiam-se à serra gaúcha para veraneio ou para turismo de saúde. A primeira situação caracterizava-se pela “prática social de passar um período, superior a 15 dias, em contato com a natureza e atividades peculiares às propriedades rurais, aos pequenos hotéis e pousadas familiares”. Já quanto ao segundo tipo de turismo, “era entendido como fator benéfico devido, sobretudo, ao ambiente em região de serra, de clima ameno, portanto favorável a quem tivesse problemas ou necessidades de repouso ou tratamentos” (SERRA GAÚCHA, 2013).

Entre as décadas de 1950 e 1970, houve um declínio e uma ruptura relativos às atividades de turismo e lazer, decorrentes do

crescimento da atividade industrial, a decadência gradual da ferrovia, a falta de acessos rodoviários, a mudança conceitual de veraneio de serra para sol e mar – acesso então facilitado pela construção da BR 101 da a BR 116, que tangenciam a região, ocasionando o isolamento da maioria dos municípios de interesse turístico (Ibidem).

Conforme Michelin, ao perceberem que os turistas valorizavam o que havia de representativo da cultura italiana, os descendentes de imigrantes, depois de três a quatro décadas de crise econômico-financeira na região, transformaram aspectos que eram associados à decadência em grande oportunidade de recuperação financeira por haverem mantido este patrimônio cultural do imigrante, lançando a proposta de turismo baseado

em cultura. Então, a partir da década de 1980, retomaram-se os chamados espetáculos (apresentações de corais, danças folclóricas, etc.) e incentivaram-se as visitas às propriedades rurais (Ibidem). Assim, os turistas, cada vez mais, passaram a se interessar pela gastronomia, pelo clima do inverno, pelas paisagens, pela arquitetura e pelos eventos da região. Ainda, o sócio do Restaurante Nona Lucia, Jandir Cantelli, revelou que os turistas, além dos brasileiros, provêm da Argentina, do Paraguai e, até mesmo, da Itália, estes curiosos para saber o que aconteceu com os seus conterrâneos no Brasil.

2.2. DOCUMENTÁRIO COLÔNIAS DE IMIGRANTES

O documentário *Colônias de Imigrantes: Colônia Italiana* (2011), com direção de Belisario Franca, assim como o primeiro filme apresentado, trata da vinda para o Brasil e do estabelecimento dos imigrantes italianos na região que, hoje, compreende o município de Antônio Prado, no Rio Grande do Sul.

2.2.1. A INSTALAÇÃO DOS IMIGRANTES NA REGIÃO

De acordo com o produtor cultural Fernando Roveda, a Itália firmou o acordo de imigração com o Brasil, porque os italianos estavam passando por grandes dificuldades, inclusive fome. Com o processo de abolição da escravidão, o Brasil, então, recebeu esses imigrantes pelo interesse em mão-de-obra para o trabalho nos cafezais, em São Paulo, bem como em colonizar o sul do país. Segundo o advogado Nério Letti, no Brasil, as dificuldades não foram diferentes, em termos de falta de alimentação, más condições habitacionais e de higiene e saúde, mas, com o trabalho realizado nos hectares que receberam do governo, os imigrantes passaram a ser “senhores, donos da terra”. Roveda acrescenta que aqueles que se estabeleceram em São Paulo, na verdade, tornaram-se escravos brancos, porque “trabalhavam para um senhor que era dono dos cafezais”. Ao contrário disso, no Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos recebiam um lote e tornavam-se proprietários da terra (COLÔNIAS, 2011).

Ao complementar a história, Roveda conta que, ao chegarem à região da serra gaúcha, os imigrantes encontraram somente mata virgem. Num primeiro momento, eles se estabeleciam em um barracão, que era uma habitação coletiva, onde aguardavam o traçado dos lotes e a demarcação das áreas para ocorrer a distribuição das terras e, conseqüentemente, a construção das casas. Esse processo deu-se de 1880 até a década de 1940

(Ibidem).

Conforme Letti, os primeiros italianos que se estabeleceram nessa região foram os Lombardos (oriundos do norte da Itália, região da Lombardia), de imigração rural, que vieram para o Brasil de Mântova (província da região da Lombardia), partindo do porto de Gênova (província da região de Liguria). O primeiro ascendente a chegar ao Brasil, que deu origem à família de Letti, foi Giovanni Roveda, em 1878. A data de 20 de maio daquele ano é o marco da chegada dos imigrantes em Nova Milano (atual município de Farroupilha) (Ibidem).

2.2.2. A RELIGIOSIDADE

Os imigrantes italianos passaram por um processo muito doloroso de adaptação, pois não havia energia elétrica, nem comida, o sistema relativo à saúde era precário etc.. Por isso, eles apegaram-se à religiosidade, tradição esta trazida da Itália e considerada por Roveda como um dos “tripés” de sustentação das famílias. Esta questão fazia-se presente nos cômodos das casas (Figura 7), nos quadros (Figura 8) etc., como também nos costumes de ir à missa, confessar, comungar, rezar o terço todos os dias, entre outras expressões religiosas (COLÔNIAS, 2011).

Figuras 7 e 8: representação da religiosidade presente nos dormitórios.





Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Depois que surgiu a televisão, de acordo com a agricultora Ivete Pontel, tais atividades foram diminuindo na sua frequência. Roveda salienta ainda a presença de capitéis nas ruas de Antônio Pardo ou na beira das estradas, construídos para que os membros da Colônia pagassem alguma promessa, por alguma graça alcançada ou, também, simplesmente por devoção (Ibidem).

2.2.3. MORADIA

No sótão da casa de Letti, encontram-se os cômodos com objetos, como o relógio e o móvel apresentados (Figuras 9 e 10), que foram preservados desde o tempo em que seus avós e, posteriormente, seus pais habitaram, como o dormitório do casal. Ele relata que havia apenas um dormitório para todos os filhos (COLÔNIAS, 2011).

Figuras 9 e 10: relógio e móvel.





Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Já quanto ao banheiro, também chamado de quarto de banho, era considerado como um conforto de que a maioria, cerca de 90% dos imigrantes, não tinha o privilégio de ter. Neste caso, o que havia era um “quartinho” no lado de fora das casas, que se chamava também de latrina. Segundo Roveda, hoje, as casas são consideradas patrimônio histórico de Antônio Prado (Ibidem).

2.2.4. A LABUTA

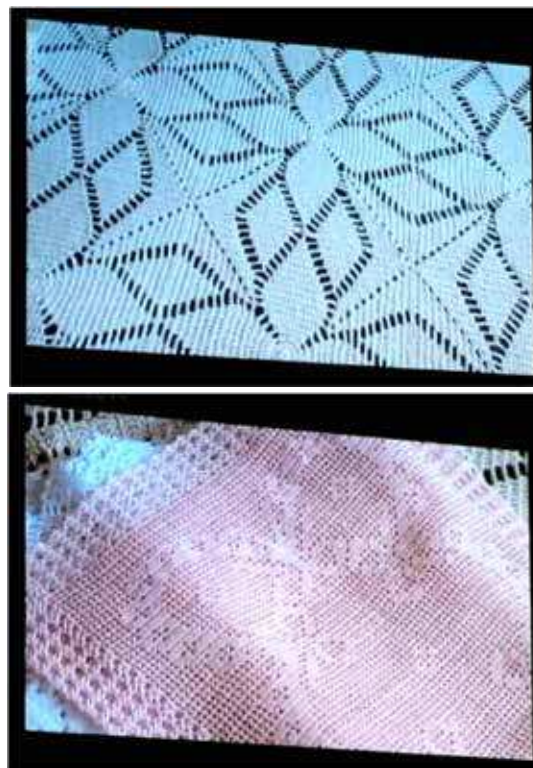
No início da colonização, conforme Benedito Pontel Neto, agricultor, o serviço era mais “pesado”: ele e seus familiares tiveram que roçar os morros com enxada e foice. Em seguida, começaram a plantar o milho (além de trigo e abóbora, por exemplo) para sua própria subsistência e para alimentar os animais, como porcos e vacas, que, após o engorde, eram vendidos. Conforme Pontel, as crianças de um século atrás trabalhavam, “pegavam no pesado” desde cedo: capinavam, cozinhavam, faziam limpeza, cuidavam da horta. Ela acrescenta que as comidas mais tradicionais caracterizam-se pela polenta com molho, queijo, salame, massa e pão. Pontel Neto lembra que, desde pequeno, sempre presenciou o cultivo dos parreirais e a produção de vinho, o qual, conforme o agricultor Celso Muzzatto, não pode faltar nas festas da comunidade (COLÔNIAS, 2011).

Segundo Roveda, “o moinho foi uma das primeiras indústrias dos imigrantes”, onde se moía o milho, para se fazer a polenta, e o trigo, para se produzir o pão. Com o desenvolvimento da colônia, houve um excedente econômico que gerou um processo de comercialização na região (Ibidem).

2.2.5. O ARTESANATO

Quanto ao artesanato, Letti diz que as mulheres aprendiam a fazer a renda, o frivolit , o macram , o tricô e o croch  com os mais velhos (Figuras 11 e 12). De acordo com Pontel, a trança era elaborada para a fabrica o de chapéus (Figura 13) e cestas (Figura 14), além da produ o de enfeites de garrafa e de parede. Por muito tempo, os próprios imigrantes filavam a linha para a realiza o dos trabalhos manuais, como len ois e toalhas para secar o rosto (COLÔNIAS, 2011).

Figuras 11 e 12: técnicas de macram  e crivo, respectivamente.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

Figuras 13 e 14: chapéus e cestas produzidos por meio de técnicas de trançado.



Fonte: COLÔNIAS, 2011.

3. A TEORIA SEMIÓTICA

De acordo com Niemeyer (2007, p. 25), “semiótica (do grego semeion = signo) é a teoria geral dos signos. Segundo Peirce, signo, também conhecido como *Representâmen*, é algo que representa alguma coisa para alguém em determinado contexto” [grifo da autora]. Ao constituírem sistemas de linguagem, os signos formam a base dos processos de comunicação, possibilitando “a descrição e a análise da dimensão representativa (estruturação sígnica) [principalmente] de **Objetos**”. Estes compreendem quaisquer “coisas” que se deem a conhecer, seja pelo processo que for - “sonho, imaginação, ocorrência” -, as quais consistem em objetos dinâmicos (objetos reais) (NIEMEYER, 2007, p. 37). Já os signos podem apenas estar nos lugares dessas “coisas”, conhecidos por objetos imediatos - “os signos devem indicá-los por uma sugestão” - (SANTAELLA, 2012, p. 39), representando-as “de um certo modo e numa certa capacidade” (NIEMEYER, 2007, p. 36).

As possibilidades de interpretação, criadas a partir do que um signo pode gerar na mente do intérprete, denominam-se interpretante imediato

(NIEMEYER, 2007, p. 38). A interpretação de um certo intérprete num determinado momento chama-se interpretante dinâmico. E o interpretante final é uma identidade para a qual os interpretantes dinâmicos tendem a convergir – uma tendência interpretativa.

Essas três instâncias (representâmen, objeto imediato e interpretante imediato), são decompostas, cada uma delas, em três aspectos (Figura 15), apenas para efeito didático. O signo em si ou representâmen “corresponde às dimensões sintáticas e materiais do produto”, que pode ser (1) qualisigno, aspecto este pleno de potencialidades/possibilidades, representado por cores, materiais, texturas, acabamentos; (2) sinsigno, aspecto com particularização e individualização, caracterizado por formas, dimensões; e (3) legisigno, representado por convenções e regras, que correspondem a aplicações de perspectiva, atendimento a normas (Ibidem, p. 39).

No caso do objeto imediato, há três estratégias de representação possíveis. Ou seja, quando a sua representação dá-se por semelhança, chama-se (1) ícone, em que, num primeiro nível, corresponde à imagem; num segundo, ao diagrama; e num terceiro nível, à metáfora. Se a representação for por meio de traços de causalidade, entende-se por (2) índice, referente a marcas, relação de causalidade, identificação (no sentido de se conhecer a origem) e indicação (quando não há evidenciação de autoria). Se a representação for por um processo de convenção, denomina-se (3) símbolo, com caráter icônico, indicial e simbólico (Ibidem, p. 40-42).

Já o interpretante imediato compreende (1) a rema, em que, num nível primeiro de contato com algo novo, há indefinição, imprecisão, surpresa, conotação; (2) o dícete, quando se enseja afirmação, denotação; e (3) o argumento, no qual há precisão, certeza, rigor, regra precisa (Ibidem, p. 42-43).

Figura 15: os níveis de relações sgnicas.



Fonte: NIEMEYER, 2013.

4. ANÁLISE DOS SIGNOS

Para este trabalho, optou-se por analisar o signo em relação ao objeto imediato, os quais se conectam em virtude de uma similaridade (ícone); de uma conexão de fato, não cognitiva (índice); de hábitos (símbolo). No caso do ícone, o objeto imediato evoca o objeto dinâmico, e esta conexão dá-se por semelhança, ou seja, por baixa referencialidade, qualidade, indeterminação e grande poder evocador. Quanto ao índice, o objeto imediato indica o objeto dinâmico e a conexão dá-se por um traço existencial ou apenas referência. Referente ao símbolo, o objeto imediato representa o objeto dinâmico e a conexão dá-se pela convenção, ou seja, relação com objeto por hábito ou lei (NIEMEYER, 2013).

A partir disso, podem ser destacadas referências nos produtos em geral, como:

- 1) Referências icônicas - tradição de forma, cor, material, estilo, linhas, volume, textura etc.;
- 2) Referências indiciais - traços de uma ferramenta, aplicação da cor, marcas de uso, ferrugem, manchas, sinais luminosos e sonoros, cheiro, toque do material (tato, peso), algarismos (funções do produto), espaço e tempo determinados, origem, ambiente de uso, modo de produção etc.; e
- 3) Referências simbólicas - símbolos gráficos (nome, logotipo, letras,

números), cor simbólica, forma simbólica, posições e posturas simbólicas, material simbólico etc.

Assim, algumas imagens dos documentários, representadas pelas figuras 1, 2, 3, 5, 7, 10, 12 e 13, bem como outras questões levantadas no decorrer do trabalho, foram selecionadas para que se realizasse a análise dos signos vistos em relação aos objetos imediatos. As tabelas com a análise detalhada foram omitidas deste artigo, mas seus conteúdos foram apresentados e desenvolvidos no capítulo a seguir.

5. SIGNIFICADOS DAS “COISAS”

Sob o ponto de vista da semiótica, podem-se avaliar os significados da cultura material que se dá pela relação entre pessoas e objetos. A partir dos interpretantes dinâmicos destacados a seguir, percebeu-se que as “coisas” possuem um significado num certo momento e que podem se transformar com o passar do tempo.

A vinda dos italianos para o Brasil representava a expectativa de alcançarem melhores condições de vida, diferentemente da situação de pobreza e miséria que se vivia no seu país de origem, a qual sucedeu a crise econômica instaurada no momento da unificação da Itália e o desemprego decorrente da industrialização naquele país.

Chegando ao Brasil, diferentemente do que esperavam, os imigrantes enfrentaram condições de vida em muitos aspectos semelhantes às vividas na Itália. Tanto o barracão improvisado quanto o abrigo entre as raízes de uma árvore expressam a precariedade que os imigrantes italianos depararam-se no interior do Rio Grande do Sul. Além da falta de habitação, não havia comida o bastante, o atendimento relativo à saúde era insuficiente etc.

Em meio às dificuldades de adaptação, os imigrantes italianos apegaram-se à religiosidade, o que os ajudou a enfrentá-las. A representação dessa devoção está retratada nos capitéis e nos objetos dispostos acima das camas, dos dormitórios registrados no documentário.

Assim, as promessas de condições melhores de vida tornaram-se uma grande decepção para esse grupo social, até que, pelo seu próprio esforço transformado em trabalho, tornaram-se autossuficientes. A labuta foi o meio encontrado para que os imigrantes italianos alcançassem melhores condições de vida. Isto pode ser identificado na apresentação da oficina e das ferramentas da família Ferri, desenvolvidas com vistas de atingir o

próprio sustento daquela família. O mesmo pode-se inferir dos moinhos. O artesanato representa a preservação da tradição, referente às habilidades manuais, e de uma estética peculiar passada de geração em geração; ao mesmo tempo em que auxilia na renda familiar. Por exemplo, como consequência do investimento nas atividades artesanais, agropecuárias e vinícolas, a alimentação passou a ser farta.

Quanto à habitação, as casas de pedra inicialmente supriram as necessidades básicas de moradia. Num segundo momento, elas significaram motivo de vergonha para os imigrantes italianos e seus descendentes, porque representavam a pobreza e todas as dificuldades vivenciadas no decorrer das primeiras décadas do estabelecimento na serra gaúcha, tanto que foram rebocadas para parecerem casas de “gente rica” da cidade ou, assim que possível, os imigrantes deixaram de morar em tais construções para torná-las meros depósitos. Seguindo o exemplo da casa da família de Inês Strapazon, seus interiores, bem como os objetos utilitários, denotavam rusticidade e simplicidade. Inclusive, tais construções eram assustadoras para as crianças.

Somente após a descoberta da região pelos turistas [1], a partir da década de 1980, é que os descendentes passaram a conservar as casas de pedra, momento este em que começaram a valorizá-las como algo representativo da sua cultura e que os faziam lembrar seus antepassados e suas trajetórias. Especificamente os objetos presente na casa de Nério Letti, por exemplo, denotavam a busca pelo conforto.

Assim, as possibilidades interpretativas (interpretantes imediatos) ou as transformações dos interpretantes dinâmicos foram agrupadas na tabela a seguir.

Tabela 1 – Possibilidades Interpretativas

OBJETO	INTERPRETAÇÃO 1	INTERPRETAÇÃO 2	INTERPRETAÇÃO 3
BRASIL	Esperança	Decepção	
BARRACÃO/ABRIGO ENTRE RAÍZES	Precariedade		
ALIMENTAÇÃO	Escassez	Fartura	
RELIGIÃO	Perseverança		
CAPITÉIS	Pagamento de promessa/ Devoção		

CRUCIFIXO/ QUADRO COM IMAGENS DE PERSONAGENS RELIGIOSOS	Proteção		
TRABALHO	Prosperidade		
OFICINA/MOINHO	Autossuficiência/ Progresso		
ARTESANATO	Preservação da tradição e da estética/ Autossuficiência		
CASA DE PEDRA	Suprir necessidade básica de moradia	Vergonha/Pobreza/ Medo	Orgulho
CASA REBOCADA	<i>Status</i>		
INTERIOR DAS CASAS/OBJETOS	Rusticidade/ Simplicidade	Conforto	

Fonte: Autoras

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo levou à percepção de que os objetos dinâmicos, como definidos pela semiótica, são carregados de significados e representativos da cultura material de um certo grupo social num tempo determinado. A partir deles, os objetos imediatos manifestam-se sob a forma de signos, os quais possuem referências que traduzem e revelam tais significados. Como referências icônicas dos documentários em questão tiveram-se, como exemplos, as cores, as formas, os materiais, as texturas, as partes que compõem o todo, os estilos que caracterizam os abrigos, as casas e seus interiores, as ferramentas, o artesanato, entre outros objetos representativos da cultura italiana manifestada nas colônias retratadas.

Quanto às referências indiciais, estas se caracterizam por traços, marcas, sinais que indicam os modos de produção ou a origem daqueles objetos. Já as referências simbólicas expressam as formas e as posições que os objetos apresentam, conforme as imagens selecionadas pelas autoras para a análise dos documentários descritos.

De modo geral, os depoimentos dos entrevistados nos filmes narram a trajetória das famílias, desde a vinda da Itália e sua chegada no Brasil, passando por várias situações que ocorreram nas gerações que as sucederam. Os interpretantes dinâmicos, principalmente representados por “Brasil”, “alimentação”, “casas” e “objetos”, sofreram transformações que geraram variadas possibilidades interpretativas (interpretantes imediatos) pelos imigrantes e, mais tarde, por seus descendentes. Elas revelaram suas angústias, anseios, esforços e conquistas, ao mesmo tempo em que contaram

a história desse grupo social e permitiram o desenvolvimento contínuo do processo de (re)construção de sua identidade.

NOTAS

[1] Os turistas, além dos brasileiros, provêm da Argentina, do Paraguai e, até mesmo, da Itália, estes curiosos para saber o que aconteceu com os seus conterrâneos no Brasil (CAMINHOS, 2007)

REFERÊNCIAS

CAMINHOS de Pedra: tempo e memória na Linha Palmeiro. 2007. Direção: Pedro Zimmermann. Produção: Angela Martins e Aletéia Selonk. Roteiro: Pedro Lucas. Bento Gonçalves: Giros Produções. 1 documentário, color.

_____.:mãosqueconstroem.2013.Disponívelem:<<http://www.caminhosdepedra.org.br/pt/?pg=historico>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

COLÔNIAS de Imigrantes: Colônia Italiana. 2011. Direção: Belisario Franca. Produção: Taísa Mattos. Realização: SESC TV. Antônio Prado: Okna Produções. 1 documentário, color.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. 2004. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: ES.

NIEMEYER, Lucy. 2007. **Elementos de Semiótica Aplicados ao Design.** 2. ed. Rio de Janeiro: 2AB.

_____. 2013. **Semiótica Aplicada ao Design.** Rio de Janeiro: ESDI/UERJ. Material didático.

SANTAELLA, Lúcia. 2012. **Teoria Geral dos Signos:** como as linguagens significam as coisas. 4. reimpr. São Paulo: Cengage Learning.

SERRA GAÚCHA. 2013. **Histórico da Região Uva e Vinho.** Disponível em: <<http://www.serragaucha.com/pt/paginas/historico-da-regiao-uva-e-vinho/>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

D.Sc. Lucy Carlinda da Rocha de Niemeyer possui graduação em Desenho Industrial pela UERJ (1972), graduação em Formação Pedagógica em Inglês pela Faculdade de Educação Letras e Artes Notre Dame (1985), mestrado em Educação pela UFF (1995), doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2002) e pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio, todas as instituições no Brasil. Possui também pós-doutorado em Design pela Unidade de Investigação em Design e Comunicação Instituto de Arte, Design e Empresa - Universitário - UNIDCOM/IADE-U, em Lisboa, Portugal. Atualmente, é professora dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado – em Design da ESDI, em que também é supervisora de teses. Coordenadora do Laboratório Multidisciplinar de Pensamento Crítico em Design (Labcult). Colabora com cursos de especialização em Design e em áreas correlatas. Ministra palestra em diversos países, designadamente México e Argentina. É membro de conselhos de avaliação de revistas científicas brasileiras e internacionais sobre Design. Sua atividade de investigação se expressa em artigos e livros, sendo autora de *Design no Brasil: Origens e instalação*, *Elementos da Semiótica aplicados ao Design* e *Tipografia: uma apresentação* e de capítulos de diversos livros e artigos publicados em revistas indexadas e em anais de congressos científicos no Brasil e no exterior.

M.Sc. Daniele Dickow Ellwanger possui graduação em Design pela UNIFRA (2004), especialização em Design do Produto pela ULBRA (2006) e mestrado em Design pela ESDI/UERJ (2008). Atualmente, cursa doutorado em Design na ESDI. Possui vínculo empregatício como professora na UNIFRA - Curso de Design (desde março de 2009), onde ministra disciplinas como Desenho Geométrico e Geometria Descritiva, Perspectiva, Metodologia de Projeto e Projeto de Produto I e II, além de ser orientadora de estágio e Trabalho Final de Graduação e coordenadora do Laboratório de Projetos em Design. Tem experiência na área de design, com ênfase em produto, atuando principalmente no campo de mobiliário. Possui publicações em anais de congressos, revistas e livros, como *O Processo de Industrialização no Rio Grande do Sul* (capítulo de livro – Design: ações práticas e reflexivas) e *O Design na Produção Moveleira da Serra Gaúcha* (artigo – 10º P&D Design/ Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design).

Recebido em: 25/01/2014;

Aceito em: 12/04/2014.

Esta obra foi licenciada com
uma Licença Creative Commons.